



# PROFISSIONAL DA EDUCAÇÃO II

## PORTUGUÊS

PROVAS	QUESTÕES
Conhecimentos Específicos sobre Educação	01 a 15
Conhecimentos Específicos	16 a 50
Redação	—

SÓ ABRA QUANDO AUTORIZADO

### LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES

1. Quando for permitido abrir o caderno, verifique se ele está completo ou se apresenta imperfeições gráficas que possam gerar dúvidas. Em seguida, verifique se ele contém 50 questões da prova objetiva e a prova Redação.
3. Cada questão da prova objetiva apresenta 4 alternativas de resposta, das quais apenas uma é a correta. Preencha no cartão-resposta com caneta esferográfica de tinta preta ou azul a letra correspondente à resposta assinalada na prova.
3. A folha de resposta da Redação deverá ser preenchida com caneta esferográfica de tinta preta ou azul. Redações a lápis não serão corrigidas e terão pontuação zero.
4. O cartão-resposta da prova objetiva e a folha de redação são personalizados e não haverá substituição, em caso de erro. Ao recebê-los, verifique se seus dados estão impressos corretamente; caso contrário, notifique ao aplicador de prova.
5. O tempo de duração das provas é de 5 horas, já incluídos as leitura dos avisos, a coleta da impressão digital, a marcação do cartão-respostas e o preenchimento da folha de redação.
7. AO TERMINAR, DEVOLVA O CARTÃO-RESPOSTA E A FOLHA DE REDAÇÃO AO APLICADOR DE PROVA.

**CONHECIMENTOS SOBRE EDUCAÇÃO****— QUESTÃO 01 —**

Dentre as mudanças apresentadas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, inclui-se a possibilidade de organizar a educação básica em ciclos. Essa organização visa à

- (A) mudança no perfil profissional e na qualificação do professor da escola básica.
- (B) minimizar o impacto dos índices de retenção e evasão escolar e promover a adequação idade/escolaridade no ensino fundamental.
- (C) favorecer a descontinuidade da política educacional.
- (D) propiciar a contratação temporária e a rotatividade de professores.

**— QUESTÃO 02 —**

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394/96, que colocou a educação infantil como etapa inicial da educação básica, provoca mudanças no imaginário social sobre a educação da criança pequena. Com essa Lei,

- (A) a educação infantil passa a ser ministrada em instituições vinculadas a órgãos de assistência social.
- (B) o trabalho com a criança de educação infantil passa a ser exercido por profissionais da área de saúde.
- (C) a criança de 0 a 6 anos passa a ser considerada como sujeito de direitos e sua educação integra-se aos sistemas de ensino.
- (D) a educação infantil passa a ter uma única forma de organização e prática pedagógica, abrangendo o atendimento de crianças de 0 a 8 anos.

**— QUESTÃO 03 —**

Entre as implicações positivas da organização dos processos educativos por ciclos, destaca-se a

- (A) necessidade de repensar o sentido da escola, das práticas avaliativas, dos conteúdos curriculares, do trabalho pedagógico e da própria organização escolar.
- (B) ênfase no trabalho individual desenvolvido pelos professores técnicos, gestores e alunos.
- (C) adoção de projetos políticos pedagógicos que priorizem o desenvolvimento individual do aluno e o processo educativo voltado para a competição.
- (D) manutenção das concepções e práticas consolidadas por resultados positivos comprovados em pesquisas e avaliações por amostra.

**— QUESTÃO 04 —**

Segundo Arroyo (1999), a organização do trabalho em ciclos de desenvolvimento humano leva ao questionamento e à superação de concepções e práticas de formação e qualificação de profissionais da educação, o que provoca mudanças no processo formador. Conforme o autor, isso significa que

- (A) a qualificação dos professores coloca-se como uma pré-condição à implantação das mudanças na escola.
- (B) a introdução de uma nova prática, um novo currículo, uma nova metodologia ou uma nova organização escolar dispensa a capacitação prévia dos professores.
- (C) o questionamento acerca do processo de formação pode ser um tempo de qualificação para os professores, pois é na ação que se criam novas formas de atuação.
- (D) a organização dos ciclos pressupõe a separação dos que planejam as ações daqueles que realizam a intervenção na escola.

**— QUESTÃO 05 —**

Arroyo (1999) e Krug (2001) apontam como critério necessário para a organização das turmas de alunos na escola de Ciclos de Formação:

- (A) os conhecimentos anteriormente adquiridos pelos discentes.
- (B) as idades cronológicas do alunado.
- (C) as avaliações discentes dos anos anteriores.
- (D) as capacidades cognitivas dos alunos.

**— QUESTÃO 06 —**

No Brasil, durante o século XIX e início do século XX, quando a base econômica estava passando do modelo agrícola para o modelo industrial, as escolas eram fundamentais para a criação de uma força de trabalho alfabetizada e disciplinada. Nesse contexto, em relação aos alunos com deficiência, os professores acreditavam que

- (A) uma eficaz intervenção pedagógica resultaria na possibilidade de os alunos com deficiência contribuírem com a aprendizagem de seus pares, promovendo a igualdade.
- (B) os sistemas e os ambientes educacionais estavam preparados para atender a todos os alunos com e sem deficiência.
- (C) os alunos portadores de deficiência adaptavam-se com facilidade aos programas existentes.
- (D) os alunos portadores de deficiência eram desprovidos de habilidades para enfrentar as exigências acadêmicas, prejudicando a aprendizagem dos colegas e exercendo influência moral subversiva.

**— QUESTÃO 07 —**

A educação é uma questão de direitos humanos. Os indivíduos com deficiência devem fazer parte das escolas, e estas modificarem seu funcionamento para incluir todos os alunos (Conferência Mundial de 1994, UNESCO). Esse entendimento leva a concluir que, quando existem programas adequados, a inclusão beneficia os alunos com e sem deficiência, porque

- (A) as pessoas portadoras de deficiência não desenvolvem habilidades acadêmicas, mas têm oportunidade de se relacionar com as demais.
- (B) o desenvolvimento de atitudes positivas, de habilidades acadêmicas e sociais possibilitado por tais programas, preparam os alunos para a vida em comunidade.
- (C) a aprendizagem em ambiente integrado oculta diferenças e facilita a cooperação.
- (D) a existência de uma atmosfera de discriminação das diferenças favorece a interação.

**— QUESTÃO 08 —**

A educação inclusiva tem sido objeto de polêmica no meio educacional. A diversidade na escola impulsiona os professores a depararem com sua própria diversidade étnica, cultural, social. Diante dessa realidade,

- (A) os cursos de formação de professores definem seus currículos com base no diagnóstico da realidade da escola, na diversidade humana e em suas repercussões desta aprendizagem.
- (B) os professores que atuam nas escolas, hoje, encaram a diversidade dos alunos como um fato e não como um problema.
- (C) os cursos de formação de professores carecem de uma abordagem multi e intercultural, que leve em conta a diversidade humana, já que os professores trabalharão também com alunos que são diferentes.
- (D) os programas de formação de professores já estão voltados à preparação de docentes para atuar considerando o conhecimento sociocultural e o desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente.

**— QUESTÃO 09 —**

A avaliação da aprendizagem faz parte do processo de formação do estudante, uma vez que possibilita diagnosticar questões relevantes, aferir os resultados alcançados, em relação aos objetivos propostos e, ainda, identificar mudanças de percurso eventualmente necessárias. Segundo esse entendimento, a avaliação da aprendizagem

- (A) é a reflexão permanente do educador sobre sua realidade e o acompanhamento do educando na sua trajetória de construção do conhecimento, incitando-o para novas questões e possibilidades.
- (B) expressa em seus princípios a ação classificatória, pontual, burocrática e autoritária e corresponde a uma etapa do planejamento.

- (C) caracteriza-se como julgamento de resultados e atribuição de notas e conceitos, tendo em vista a classificação dos estudantes.
- (D) é uma prática que consiste em registro de resultados acerca do desempenho dos alunos em determinado período do ano letivo.

**— QUESTÃO 10 —**

A avaliação deve ser realizada mediante critérios explícitos e compartilhados com os alunos, uma vez que o objeto de avaliação representa uma referência importante para quem é avaliado tanto para a orientação dos estudos como para a identificação dos aspectos considerados mais relevantes para a formação. Conforme esse entendimento, a avaliação

- (A) visa a comparar, de modo asséptico, resultados alcançados com os objetivos preestabelecidos.
- (B) é um processo que possibilita diagnosticar, ver, analisar e agir num ciclo ininterrupto.
- (C) é um processo técnico, desvinculado de valores e princípios.
- (D) possui caráter de mensuração, classificação e exclusão.

**— QUESTÃO 11 —**

A democratização da educação com qualidade social é um amplo e complexo processo, no qual a equipe diretiva (direção, vice-direção, coordenação) exerce um importante papel na criação de um clima organizacional favorável. Assim a equipe diretiva responsabiliza-se

- (A) por garantir a autoridade e o desenvolvimento das ações que efetivem as decisões tomadas.
- (B) por desenvolver de forma espontânea o atendimento às demandas que surgem no interior da escola.
- (C) por propor o debate, mediar o confronto de idéias, instigar a cooperação e a tomada de decisões coletivas.
- (D) por implementar as políticas governamentais e realizar a avaliação classificatória dos professores e técnico-administrativos.

**— RASCUNHO —**

— QUESTÃO 12 —

Na atualidade, o trabalho conjunto e integrado de administradores, educadores e outros profissionais torna-se uma exigência, dada a natureza multirreferencial da educação. O tipo de planejamento administrativo que atende a essa exigência é

- (A) o gerenciamento da qualidade total, de caráter conservador, voltado para o aperfeiçoamento do processo de produção industrial, fundado na premissa de que o mundo é um processo econômico, que requer competitividade, e esta só será eficiente no campo da qualidade.
- (B) o planejamento participativo, cujo fundamento é a consciência, a intencionalidade e a participação coletiva. Seu objetivo é a transformação das relações de poder autoritárias e verticais em relações igualitárias e horizontais, de caráter dialógico e democrático.
- (C) o planejamento estratégico, de caráter gerencial, vinculado à administração de empresas, busca a otimização de resultados no enfrentamento de ameaças, utiliza-se da flexibilidade para a adaptação às mudanças, contempla a qualidade e a participação.
- (D) o planejamento instrumental, de caráter cartesiano e positivista, simboliza a grande solução para os problemas de falta de produtividade da educação escolar, desconsiderando os fatores sociopolítico e econômico em nome de sua neutralidade, normatividade e universalidade.

— QUESTÃO 13 —

Na educação, realiza-se o planejamento em diferentes níveis de abrangência, desde aqueles que refletem as políticas educacionais, perpassando pelos projetos institucionais, pelos projetos político-pedagógicos da escola, até os projetos de ensino-aprendizagem. Há, portanto, uma relação intrínseca entre gestão educacional e projeto político-pedagógico, entendendo-se que aquela só tem sentido quando referida a um projeto. Assim, na unidade escolar, o projeto político-pedagógico cumpre a seguinte finalidade:

- (A) gerar um tipo de saber que atenda às exigências legais e aos trâmites oficiais, enrijecendo, todavia, a ação educativa.
- (B) registrar os aspectos didáticos que orientam a definição dos objetivos referentes à cognição, podendo ser subdivididos em plano de curso, plano de unidade e plano de aula.
- (C) direcionar a prática individual dos educadores para solução de problemas relativos à disciplina escolar.
- (D) definir os princípios, os fundamentos, as condições e os procedimentos para formação do aluno, envolvendo as dimensões pedagógica, comunitária e administrativa da escola.

— QUESTÃO 14 —

Ao contrário do que eram considerados no passado, as crianças e os adolescentes mostram-se como seres que pensam, têm sentimentos, emoções e, portanto, são participantes ativos do mundo e requerem uma educação que respeite suas individualidades e formas de aprender. Desse modo, o papel da educação básica é

- (A) possibilitar o desenvolvimento cognitivo, emocional, afetivo, social e cultural da criança e do adolescente, favorecendo a construção da identidade e da autonomia e o exercício da cidadania.
- (B) prover a guarda, a proteção da criança e adolescente e a assistência a estes, de modo a favorecer aprendizagens para uma atuação crítica na sociedade.
- (C) promover a aprendizagem de habilidades referentes ao exercício profissional e preparar a criança para o ingresso no mundo do trabalho.
- (D) propiciar à criança e ao adolescente a formação necessária ao desenvolvimento de atividades profissionais em diversos setores produtivos.

— QUESTÃO 15 —

A educação de jovens e adultos visa a dar oportunidades educacionais aos brasileiros que não tiveram acesso ao ensino fundamental e ensino médio na idade própria. Nesse sentido,

- (A) os sistemas de ensino asseguram aos jovens e adultos aprendizagens significativas, que levam em consideração seus interesses, condições de vida e de trabalho.
- (B) os professores que se dedicam ao trabalho com jovens e adultos recebem formação específica em todos os cursos de licenciatura, que os tornam capazes de fazer adaptações e ressignificações dos currículos e das práticas de ensino.
- (C) os jovens e adultos dispensam a necessidade de pensar a especificidade desse tipo de ensino e de superar a prática de trabalhar com eles da mesma forma que se trabalha com os alunos do ensino fundamental ou médio regular.
- (D) os jovens e adultos, por estarem em outros estágios de vida, têm experiências, expectativas, condições sociais e psicológicas que os distanciam do mundo infantil e adolescente e carecem de metodologias próprias.

— RASCUNHO —

## CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

Leia a tira abaixo para responder às questões de 16 a 18.



Folha de S.Paulo. 12 ago 2007. Ilustrada – E13.

### — QUESTÃO 16 —

A tira acima coloca em funcionamento dois gêneros. Nesse sentido, o recurso argumentativo utilizado é

- (A) o gênero propaganda para criticar a padronização dos tipos de pai.
- (B) o gênero humorístico para denunciar a falta de disciplina das crianças.
- (C) o discurso de autoridade para comprovar que o produto anunciado é eficaz.
- (D) o discurso lúdico para mostrar que o brinquedo é estímulo para criança.

### — QUESTÃO 17 —

De acordo com Possenti (2002), piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade – estereotipada. O estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, uma identidade pelo avesso, que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar.

Em relação à tira, pode-se falar da presença de um estereótipo, se for levada em consideração a imagem de que

- (A) a marca garante a qualidade do produto.
- (B) as crianças são voluntariosas e exigentes.
- (C) a propaganda vende qualquer produto.
- (D) os alcoólatras são brutos e agressivos.

### — QUESTÃO 18 —

O humor construído, na tira, requer do leitor a compreensão da ironia que se dá

- (A) pela ambigüidade entre pai e alcoólatra.
- (B) pelo deslocamento de sentido do termo estímulo.
- (C) pelo estranhamento causado pela palavra moleque.
- (D) pela identificação entre qualidade e produto.

### — QUESTÃO 19 —

Para afirmar que o leitor não é passivo, mas agente que busca significações, Geraldi (2001, p. 91) cita um trecho de Authier-Revuz, no qual se lê: “o sentido de um texto não é jamais interrompido, já que ele se produz nas situações dialógicas ilimitadas que constituem suas leituras possíveis”.

A tira apresentada serve para ilustrar o pensamento de Geraldi e Authier-Revuz, porque sua leitura depende

- (A) da articulação entre as informações textuais e os conhecimentos prévios do leitor.
- (B) do domínio de estruturas linguísticas relativas ao processamento do texto iconográfico.
- (C) do conhecimento das variedades linguísticas predominantes nas conversas do cotidiano.
- (D) da relação que o leitor estabelece entre as falas de cada personagem da tira.

### — RASCUNHO —

Leia o texto seguinte para responder às questões de 20 a 29.

### Herrar é humano

Abordei, em minha última coluna, o massacre no campus de uma universidade americana e suas respectivas interpretações. Abri o texto relatando que o tiroteio ocorrera na terça-feira anterior. Um leitor alerta observou, no entanto, que fora na segunda-feira. Ele tinha razão. [...]

Meu erro se desenrolou assim: eu sabia que o fato sucedera na semana anterior (e poderia, aliás, ter começado o texto dizendo “semana passada”, se, por razões estilísticas, não quisesse mais precisão). Como minha rotina é uniforme semana afora, não tenho muito com o que associar eventos deste ou daquele dia. Acessei, portanto, os arquivos da **Folha**, vi a data em que a notícia saíra no jornal e apresentei-a como sendo a do evento. Mas todo leitor não sabe que, se algo aconteceu num dia, o jornal o noticia apenas no seguinte? Bom, é assim que era uma década atrás, até os anos 90, quando, para alguns, se tornou um hábito ler a imprensa na internet.

Faz anos que já não folheio sistematicamente a versão impressa dos periódicos, pois me habituei às versões on-line que noticiam tudo quase na mesma hora em que as coisas acontecem. Nesse ínterim, desacostumei-me de dar mentalmente o intervalo costumeiro de um dia entre o noticiado e o noticiário. Troquei a velha automação pela nova e, na minha cabeça, confundiram-se o noticiário on-line, no qual eu tomara conhecimento do massacre, e a versão eletrônica do jornal que, guardada nos arquivos virtuais, reproduz a impressa. Não que tal explicação me inocente. Ela só mostra que novas tecnologias predispõem a erros previamente inimagináveis.

Assim como não há modo de reduzir a zero os acidentes de avião (muito menos os de automóvel), tampouco se pode sonhar com uma ausência total de erros nem nos meios de comunicação nem no intercâmbio de informações em geral. Quem conta um conto, quer queira quer não, aumenta, subtrai, multiplica e/ou divide pelo menos um ponto. Eis porque, além de examinar os erros, é também essencial avaliá-los, quer dizer, estabelecer sua importância relativa.

Gente que nunca pôs os pés numa Redação vê intencionalidade manifesta em erros que se explicam pela escassez daquilo que, em contextos tais, é o mais raro dos bens: o tempo.

O número de pessoas que lida com cada notícia contribui igualmente para introduzir equívocos na sua transmissão: é o que os comunicólogos chamam de “ruído”. E, nesse caos dinâmico, cada jornalista ajusta as prioridades segundo suas luzes: caso eu entreviste um dia o presidente, darei mais atenção às palavras que diga do que à cor de sua gravata.

Agora, se equivocar-se acerca de uma gravata não implica ter voluntariamente falseado ou deturpado as palavras, insistir, diante das evidências em contrário, num erro qualquer costuma ser indício de mentalidades que, carentes ou sequiosas de verdades absolutas, lidam mal com as incertezas onipresentes de nossa condição. Querer acertar sempre que possível, anseio humano (ou mais), subjaz tanto ao aperfeiçoamento individual quanto ao acúmulo do conhecimento. O desejo de, ignorando críticas e refutações, estar, perpetuamente certo constitui, todavia, seu exato oposto e é melhor deixá-lo para a divindade ou, onde imperem, para os déspotas e partidos únicos.

ASCHER, N. *Folha de S.Paulo*. 30 abr. 2007. Ilustrada - E8.

### — QUESTÃO 20 —

A leitura do artigo de Nelson Ascher permite afirmar que o título de seu texto

- (A) intensifica o aspecto negativo do erro, ao deslocar a letra H de uma palavra para outra.
- (B) instaura uma incoerência semântica relacionada ao tema do texto.
- (C) ironiza o fato comentado, relacionando sentido e forma do enunciado.
- (D) enfatiza a obrigatoriedade do uso das convenções ortográficas nos textos jornalísticos.

### — QUESTÃO 21 —

O erro cometido pelo articulista do jornal foi percebido pelo leitor, porque compromete a coerência

- (A) espacial dos enunciados possibilitados pelo fato ocorrido.
- (B) figurativa do tema delimitado da notícia.
- (C) argumentativa dos pressupostos implicados na opinião.
- (D) temporal do texto em relação ao fato abordado.

### — QUESTÃO 22 —

Ao ler uma notícia em jornal impresso, o leitor deve situar o evento ocorrido com base

- (A) na recuperação do dia do acontecimento por meio de seus conhecimentos prévios.
- (B) na data de publicação do jornal e de elementos de coesão temporal presentes na notícia.
- (C) numa relação de sinonímia com a notícia que apresenta os fatos que lhe asseguram existência.
- (D) na indicação que o autor do texto fornece sobre o dia da ocorrência do fato.

### — QUESTÃO 23 —

O argumento principal utilizado pelo autor para justificar seu erro apóia-se na constatação de que

- (A) as novas tecnologias dificultam a leitura das notícias divulgadas.
- (B) a notícia *on-line* não é a mesma quando apresentada de forma impressa.
- (C) diferentes formas de registro de notícia são utilizados nos ambientes da internet.
- (D) um intervalo natural ocorre entre a notícia *on-line* e a notícia impressa.

**— QUESTÃO 24**

A comparação entre redução de acidentes de avião e de erros nos meios de comunicação pode ser um procedimento eficaz de convencimento do leitor por

- (A) relacionar algo que não tem relação necessária, mas é persuasivo dados os acontecimentos da atualidade.
- (B) sustentar um raciocínio lógico, ao fugir do tema proposto para evitar questões embaraçosas.
- (C) refutar as acusações imputadas ao autor, buscando a comoção de leitores com a lembrança de acidentes.
- (D) ilustrar as conclusões que devem ser tiradas pelos leitores, ao relacionarem causa e seu efeito.

**— QUESTÃO 25**

A interação entre enunciados que resulta no artigo de opinião elaborado por Nelson Ascher possibilita a afirmação de que

- (A) o discurso jornalístico requer gêneros de texto que garantam uma única verdade.
- (B) os textos jornalísticos priorizam apenas o modo de organização dissertativa.
- (C) o gênero notícia deve dispensar a formulação de opinião sobre os fatos.
- (D) os diferentes gêneros do discurso servem de ferramentas aos propósitos jornalísticos.

**— QUESTÃO 26**

As características discursivas do texto de Nelson Ascher são próprias do gênero artigo de opinião que se distingue do gênero notícia pelo fato de aquele

- (A) citar e antecipar outros discursos, que funcionam como argumento para sustentar os pontos de vista do jornalista.
- (B) apresentar outros discursos como depoimentos que conferem maior credibilidade ao discurso relatado.
- (C) narrar um fato polêmico isentando o autor de se comprometer com as informações intercambiadas em noticiários.
- (D) informar um fato novo deixando, implícitas as apreciações do autor, ao delegar a opinião a outras vozes enunciativas.

**— RASCUNHO****— QUESTÃO 27**

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de terceiro e quarto ciclos, para língua portuguesa, “no ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja [...] é permitir-lhes [aos alunos] a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas.” No artigo Herrar é umano, Nelson Ascher afirma que “nesse caos dinâmico, cada jornalista ajusta as prioridades segundo suas luzes [...]”. Relacionando a opinião de Ascher com a concepção de ensino dos PCN, pode-se formular a seguinte afirmação:

- (A) O locutor deve expressar seu pensamento de forma criativa e livre sem a interferência da situação comunicativa.
- (B) Diferentes modos de expressão são determinados pela relação interlocutiva e pelas circunstâncias enunciativas.
- (C) A escolha da forma de expressão do locutor é de caráter individual e independente do tipo de interlocutor.
- (D) A adequação do estilo à situação de interlocução isenta o locutor da tarefa de prever os efeitos que serão produzidos.

**— QUESTÃO 28**

Ao apresentar os conteúdos referentes às práticas de leitura, produção textual e análise lingüística, os PCN colocam os gêneros de imprensa como um dos privilegiados para o trabalho em sala de aula. Quanto à prática de análise lingüística, o trabalho com diferentes gêneros de imprensa se justifica, porque os textos

- (A) funcionam como modelos de correção gramatical, que deve ser seguida tanto na produção oral quanto na escrita.
- (B) exigem o domínio prévio de categorias gramaticais preestabelecidas, para que o leitor possa reconhecê-las e apreendê-las.
- (C) submetem-se às regularidades lingüísticas dos gêneros em que se organizam e às especificidades de suas condições de produção.
- (D) obedecem às regularidades lingüísticas prescritas pela gramática normativa, não importando o gênero e as condições em que são produzidos.

**— QUESTÃO 29**

Com base na concepção dialógica de linguagem, defendida por Mikhail Bakhtin, pode-se depreender que

- (A) todo enunciado se relaciona com o que já foi dito e com o que lhe sucede na comunicação verbal.
- (B) a interação só é garantida pelo diálogo que se realiza entre falantes numa situação de conversação.
- (C) a aquisição da língua depende da competência do falante para expressar seus pensamentos.
- (D) a aprendizagem da língua requer mecanismos de treinamento, que se baseiam na repetição de estruturas.

## — QUESTÃO 30 —

Leia a charge a seguir.



- Alô, torre? Alguém aí fala a minha língua?

Folha de São Paulo, terça-feira, 3 de abril de 2007

Para criticar um acontecimento da atualidade, na charge, utiliza-se, como recurso,

- (A) o eufemismo.
- (B) a ambigüidade.
- (C) a intertextualidade.
- (D) o paradoxo.

Leia o texto para responder às questões de 31 a 41. Ele foi escrito por Lygia Fagundes Telles como resposta a uma entrevista realizada para a revista Língua Portuguesa. A autora preferiu dizer por escrito o que pensa sobre o mistério da criação literária.

### O CHAMADO

**Lygia Fagundes Telles**

Na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco aprendi duas palavras aparentemente banais mas que acabaram tendo tanta importância no meu ofício, a palavra liberdade e a palavra justiça. Mas foi no terreno dos esportes que aprendi a disciplina, segredo do modesto equilíbrio desta escritora neste indisciplinado país. Sim, foram aquelas aulas de esgrima que eu amava tanto e ao mesmo tempo, temia, foram elas que me ensinaram a dura lição do desafio de exigir rapidez de raciocínio a alguém assim de reações demoradas, lentas, Uma tartaruga! ouvi minha mãe gracejar. Contudo, como me sentia feliz naquele uniforme todo branco, a túnica fechada e o coração de feltro vermelho pregado no lado esquerdo do peito. O professor provocava e investia enérgico nos treinos, máscara e florete. Em guarda! ele ordenava e eu tentando disfarçar a natural lerdeza, tinha que ser sagaz e me confundia em meio das ordens, Se defenda depressa que agora você se descobriu, olha o peito desguarnecido! Eu reagia tarde demais porque ele avançava implacável até tocar com a ponta do florete no meu coração exposto.

Ficou a lição de cobrar de mim mesma uma energia que também é malícia, aquela força acumulada lá no fundo e que hoje eu chamo de minhas reservas florestais, enfraquecidas pelo desmatamento. Nesse tempo eu já falava em vocação e que vem a ser a vontade de fazer isto e não aquela outra coisa eventualmente mais proveitosa e até mais fácil:

*vocare*, aprendi nas aulas de latim. O chamado. Obedecer a esse chamado é uma destinação, mas não a condenação que implica em perda de liberdade, na perda entraria o amargor, o que transformaria o escritor numa esponja de fel. Obedecer à vocação seria simplesmente exercer o ofício da paixão, era o que me ocorria quando diante da pequena mesa abria o meu estojo com as canetas, escolhia a pena preferida, molhava a pena no tinteiro e começava a escrever as minhas histórias. Mas tomando cuidado para não sujar os dedos da mão direita, ih! olha aí as nódoas de tinta nos dedos, esfregar o mata-borrão melhorava mas cuidado com a blusa!

Quando me perguntavam o que eu queria ser respondia, Uma escritora. Mas não falava em vocação, tinha pudor em assumir o ofício, falar em vocação não poderia parecer arrogância com um toque até de soberba? Só mais tarde é que fui compreendendo, na vocação não está incluído o sucesso, ah! tantas vocações fulgurantes e a obra na maior obscuridade. O silêncio, ninguém leu? ninguém viu. Melhor se tiver repercussão mas na realidade o que importa é obedecer ao impulso. O chamado. Nenhuma preocupação com os penachos da vaidade mas prosseguir o trabalho com paciência, o aprendizado da paciência. [...].

O dia em que tivermos mais creches e mais escolas teremos menos hospitais e menos cadeias. Adiantou? - alguém pode perguntar. Pelo visto, não adiantou mas respondo com Camões, Estou em paz com a minha guerra. Uma guerra dura, sim, afinal escrevemos em português, língua desconhecida, aí de nós! embora o nosso estilo ou modo seja no charmoso feito brasileiro. O poeta Olavo Bilac, já naquele tempo escreveu estes versos sem ilusões, *Última flor do Lácio, inculta e bela/ És, a um tempo, esplendor e sepultura*. Olha aí, uma verdade que me parece terrível, *esplendor e sepultura*, foi o que ele disse. Ainda bem que acrescentou em seguida: *Amote assim, desconhecida e obscura*. Pois participo dessa declaração de amor que inclui uma luta que me parece, às vezes, a própria luta de boxe. Por acaso vi na televisão dois homens se atacando e se separando, se atacando e se separando. Sim, o escritor e a palavra na luta que Carlos Drummond de Andrade achava que era uma luta vã. O *boxeur* lá na tela se agarra ao adversário para não cair, o assessor quase joga a toalha mas o *boxeur* resiste tão empenhado, vertendo sangue (o pensamento verte sangue) mas resistindo.[...].

Amo o sonho. A invenção. Escrever é difícil, sim, aquele duro corpo-a-corpo com a palavra mas assim que entro no imaginário, na fantasia me sinto bem porque essa é a zona do mistério, a criação literária é um mistério. [...]. Escrevi no livro *A disciplina do amor* que o escritor no Brasil é uma espécie em extinção mas vejo hoje que a espécie em processo de extinção é o leitor. Em cada esquina agora tem um novo editor com os escritores num delírio de lançamentos, sim, um verdadeiro porre de livros. E por onde anda o leitor fugidio, hein?... Li outro dia num noticiário que um esquetejador confesso dispensou o advogado porque queria mesmo ser preso para poder escrever as suas memórias na paz do presídio. [...].

TELLES, L. F. O mostruário da vida interior. *Língua portuguesa*. São Paulo, Ano 2. n. 22. 2007. p. 48-50.

## — QUESTÃO 31 —

O título "O chamado" é relacionado, no texto, à vocação. Para a autora, vocação é uma palavra que

- (A) possui sentido de soberba quando ligada à questão da escolha.
- (B) mantém seu sentido de vontade de fazer algo como era nas aulas de latim.
- (C) significa a busca por exercer um ofício da paixão de cada um.
- (D) descarta a relação entre profissão escolhida e o sucesso garantido.



**— QUESTÃO 32**

Lygia Fagundes Telles fala sobre a vocação de ser escritora. Deslocando sua narrativa de experiência para a questão do ensino da produção de texto na escola, pode-se citar os PCN quando afirmam que o texto literário ultrapassa e transgredir padrões, noções e conceitos. Nesse sentido, no trabalho em sala de aula, o texto literário deve ser visto como

- (A) modelo de escrita que os alunos devem assimilar como padrão.
- (B) uma fonte particular de produção e recepção de conhecimentos.
- (C) exemplo para discussão de valores morais e tópicos gramaticais.
- (D) um conjunto de enunciados que permite qualquer leitura que lhe seja atribuída.

**— QUESTÃO 33**

Ao mostrar e demarcar a voz da mãe em “foram elas que me ensinaram a dura lição do desafio de exigir rapidez de raciocínio a alguém assim de reações demoradas, lentas, Uma tartaruga! ouvi minha mãe gracejar”, a autora, por meio do discurso indireto (FIORIN, 2006), revela

- (A) uma peculiaridade da forma de falar da mãe.
- (B) o conteúdo do discurso da mãe.
- (C) objetividade com a despersonalização do discurso.
- (D) isenção de seu envolvimento emocional no discurso.

**— QUESTÃO 34**

No trecho “Em guarda! ele ordenava e eu tentando disfarçar a natural lerdeza [...]”, o uso da frase imperativa e do tempo verbal no imperfeito indica que o recurso linguístico utilizado é

- (A) a glosa, pois a expressão não é adequada ao discurso da autora.
- (B) o discurso indireto, pois a autora analisa o discurso do outro racionalmente.
- (C) o discurso direto, pois a autora reproduz literalmente a fala de outra pessoa.
- (D) a imitação, pois há uma paródia da fala de outra pessoa.

**— QUESTÃO 35**

No terceiro parágrafo, a autora explica que “não falava em vocação, tinha pudor em assumir o ofício, falar em vocação não poderia parecer arrogância com um toque até de soberba?”. O discurso adotado nesse trecho demonstra que uma propriedade fundamental da linguagem é sua heterogeneidade constitutiva. Essa afirmação pode ser comprovada, porque, no trecho,

- (A) transparece a autenticidade da autora ao opinar sobre a escolha do ofício.
- (B) ressoam duas vozes com posições divergentes sobre o tema vocação.

- (C) há uma diferença marcada textualmente entre a opinião da autora e a do senso comum.
- (D) prevalece a subjetividade da autora ao dizer o que pensa sobre profissão.

Considere o trecho a seguir (2º parágrafo do texto), em que Lygia explica de forma metafórica a sua energia interior. As questões 36 e 37 referem-se a ele.

“Ficou a lição de cobrar de mim mesma uma energia que também é malícia, aquela força acumulada lá no fundo e que hoje eu chamo de minhas reservas florestais, enfraquecidas pelo desmatamento.”

**— QUESTÃO 36**

O sentido produzido no enunciado pode ser acessado pelo leitor, porque

- (A) os discursos sobre desmatamento de florestas sempre circularam em diferentes enunciados da literatura brasileira.
- (B) os discursos ambientais constituem a memória coletiva por meio de enunciados que circulam na atualidade.
- (C) os discursos sobre o aquecimento global engendram os enunciados relativos à subjetividade da autora.
- (D) os discursos subjetivos elegem enunciados sobre a natureza, quando o sentido se volta para a energia interior.

**— QUESTÃO 37**

O trecho transcrito serve de exemplo para a seguinte afirmação sobre leitura:

- (A) a cada leitura, um mesmo leitor atribui um sentido diferente ao texto.
- (B) o sentido do texto depende das escolhas do autor.
- (C) cada leitor atribui sentidos diversos a um mesmo texto.
- (D) os sentidos atribuídos ao texto vêm de outros enunciados.

**— QUESTÃO 38**

O penúltimo parágrafo é marcado pelo recurso da intertextualidade. Há no texto o encontro de duas materialidades textuais distintas (FIORIN, 2006). Esse encontro, no parágrafo em questão, permite dizer que

- (A) o enunciado de cada um dos três poetas sustenta um ponto de vista da autora para diferentes temas.
- (B) as idéias dos três poetas juntam-se às da autora na discussão de um mesmo tema.
- (C) o texto da autora apresenta pontos de vista divergentes para um mesmo tema.
- (D) o enunciado de Lygia traz opiniões convergentes dos três poetas para cada tema.

## — QUESTÃO 39 —

Pela leitura do último parágrafo, constata-se que

- (A) qualquer pessoa possui vocação para a criação literária.
- (B) o escritor necessita de tranquilidade para escrever sua obra.
- (C) o ato de escrever hoje atende ao chamado da mídia e do lucro.
- (D) os leitores hoje lêem mais e são menos exigentes.

## — QUESTÃO 40 —

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, todo texto se organiza dentro de determinado gênero. Nesse sentido, a produção escrita na escola requer um trabalho em que se leve em consideração

- (A) a existência de um gênero prototípico, que permite ensinar todos os gêneros em circulação social.
- (B) a especificidade das condições de produção que determinam a escolha de um ou outro gênero.
- (C) a dimensão homogênea de cada gênero que o distingue de outros de diferentes esferas.
- (D) a repartição dos textos em estruturas menores que vão do parágrafo à frase e desta à palavra.

## — QUESTÃO 41 —

Lygia explica que “escrever é difícil, sim, aquele duro corpo-a-corpo com a palavra mas assim que entro no imaginário, na fantasia me sinto bem porque essa é a zona do mistério, a criação literária é um mistério.” Pensando na recepção da obra literária, pode-se relacionar o seguinte trecho de Zilberman (1994, p. 24): Esta [a leitura] não representa a absorção de uma certa mensagem, mas antes uma convivência particular com o mundo criado através do imaginário. A obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria.”

Com base nessas idéias, acerca da criação e da leitura literárias, o professor alcançará resultados negativos se ele

- (A) transformar o sentido do texto num número limitado de interpretações julgadas como corretas e únicas.
- (B) suscitar as múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações.
- (C) enfatizar a relevância do processo de compreensão, evidenciando as relações entre a significação e a situação histórica do leitor.
- (D) auxiliar o aluno na percepção dos temas e sujeitos que afloram em meio à trama ficcional.

Leia o texto seguinte para responder às questões de 42 a 46

Neste texto foi mantida a grafia original.

**200:000\$ POR UM SACRILEGIO!**  
**Publicado no Folha da Manhã, Sabbado, 15 de dezembro de 1928**

**Como a camara é camarada...**

Os jornaes, hontem, no seu noticiario, dando conta dos "trabalhos" da ultima sessão da Camara Municipal, trouxeram, perdido num cantinho, uma noticia muito interessante: os srs. vereadores paulistanos, nessa memoravel reunião, autorizaram a abertura de um credito de duzentos contos de réis para a instalação de um botequim no Parque da Avenida Paulista!

**De repente...**

Surge a inefavel Camara Municipal, a grande inimiga da cidade. Absorvida por um materialismo quasi selvagem, cuidando, apenas, de coisinhas pequenininhas, de questiunculas pessoas e de politicagem, a utilissima Camara, não tendo, por outro lado o que estragar, volveu suas vistas ávidas para o lindo parque Paulista.

Vendo o precedente aberto pelo prefeito – que permittiu a collocação daquelles hediondos bancos commerciaes que feriram a fina sensibilidade esthetica de Jinarajadasa – a Camara lembrou-se de uma coisa execranda: installar dentro do parque, com todas as solennidades, a mancha negra e asquerosa de um "botéco", a que deu, por um excesso de liberdade vocabular, o nome de "pavilhão-restaurante"!

**O "Botéco"**

É possível que a Camara, na sua eterna cegueira, e na sua immutavel, incuravel ausencia de cultura esthetica, se lembrasse do "botéco" dentro do Parque, sem prevêr o mal que praticava com tão leviana medida. Nem era preciso, de resto, um pouco de cultura esthetica. Bastava, apenas, um pouco de raciocinio para se prevêr o efeito ruinoso que causará um botequim num parque, que é o parque predilecto das familias e das creanças. Mas a Camara não previu coisa alguma. Levada por motivos que se ignoram, ella vae arrancar 200 contos ao Thesouro para que algum botequineiro feliz installe, dentro do pequeno paraíso, o seu balcão de chopps, batidas, cok-tals e pingas com limão! A Camara não admite nada neste mundo sem o concurso da pinga. Começou com a imposição às casas de comestiveis que quizessem abrir aos domingos: ou vende alcool ou fecha! E quem quiz vender comestiveis aos domingos teve de submeter-se á imposição hedionda! Agora é o Parque da Avenida, unico parque que as familias pôdem frequentar. A Camara não quer mais isso. As familias e as creanças que fiquem em casa! Installe-se o "botéco" lá dentro e abra-se o parque para os páos-d'agua! Estamos, como se vê, em pleno regimen da bagunça!

**Quanto às creanças...**

Que fiquem encafuadas nos seus quartos, ou nos seus porões asphyxiantes e ouçam, de vez em quando, sociedades eugenicás prérgarem, com o mais lindo platonismo, as grandes necessidades da vida ao ar livre e do "aperfeiçoamento da raça".

(www.almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano15dez1928 em 23/08/07)

## — QUESTÃO 42 —

No primeiro parágrafo do texto, as aspas colocadas na palavra *trabalhos* indicam

- (A) ironia, desqualificando a função dos vereadores.
- (B) ambigüidade, pressupondo a preguiça da câmara municipal.
- (C) gradação, acentuando o esforço dos políticos.
- (D) atenuação, comparando a câmara a uma sessão espírita.

**— QUESTÃO 43**

O comentário da notícia é marcado pela manifestação da subjetividade que se dá por meio do uso de

- (A) dêiticos espaciais.
- (B) verbos no tempo presente.
- (C) adjetivos avaliativos.
- (D) primeira pessoa do singular.

**— QUESTÃO 44**

A afirmação de que “a Câmara não quer mais isso” constrói o pressuposto de que

- (A) a câmara incentiva o consumo de álcool.
- (B) as famílias não freqüentam botecos.
- (C) o Parque Avenida é o único parque da cidade.
- (D) os vereadores impõem aos moradores os seus interesses.

**— QUESTÃO 45**

A frase, “A Camara não admite nada neste mundo sem o concurso da pinga”, deixa subentendido que

- (A) os vereadores propõem leis que favorecem os donos de botequins.
- (B) os integrantes da Câmara Municipal consomem grande quantidade de bebida alcoólica.
- (C) a população valoriza solenidades regadas à bebida alcoólica.
- (D) a bebida alcoólica concorre com as realizações políticas importantes para a comunidade.

**— QUESTÃO 46**

A expressão, “excesso de liberdade vocabular”, interfere no sentido do nome do restaurante, sugerindo que “pavilhão-restaurante”

- (A) denuncia o tipo de público visado.
- (B) indica a categoria do local nomeado.
- (C) elimina traços semânticos ligados ao referente.
- (D) recupera traços semânticos negativos de outros pontos comerciais.

Leia o texto abaixo para responder às questões de 47 a 50.

**O senhor é meu pastor**

A necessidade de preservação e manutenção dos códigos entre a gíria de determinado grupo – como o dos criminosos – não impede que seus falantes conheçam outras “línguas”. Estudos realizados no meio carcerário revelam que os presos, em avaliação para liberdade condicional, muitas vezes trazem já decorado um discurso eficiente para a obtenção do privilégio. É o caso daqueles que se apresentam aos avaliadores como “convertidos” a alguma religião, mesmo sem o ser. Vestidos socialmente, com o terno “de domingo”, óculos (às vezes, escuros), sapatos lustrosos, repetem o discurso da salvação, do arrependimento, do abandono de hábitos ruins como bebidas e drogas, da noção de culpa social e da vontade

de fazer parte da sociedade para poder auxiliá-la. Tais discursos são um problema a partir do momento em que, repetidos quase mecanicamente, não mais indicam arrependimento algum.

Não se pode generalizar, mas dominar as falas necessárias para a liberdade também faz parte do conhecimento da cadeia, podendo até “formar” especialistas em determinadas leis – como ocorre, aliás, com muitos tipos de criminosos. Eles são treinados por pastores ou por advogados para muitas vezes dissimular o esperado pelos avaliadores.

Como diz Léa Poiano Stella, “o detento possui ampla noção da situação em que deve usar a linguagem gíria, pois não faz uso dela na comunicação com profissional autorizado ou habilitado a opinar, dar parecer ou atestar sua conduta dentro do sistema prisional. O detento tem conhecimento de que a gíria representa um empecilho para a obtenção de benefícios ou a redução de pena, porque a linguagem especial está diretamente ligada à conduta criminosa. Evitando seu uso, o preso pretende se mostrar regenerado da vida marginal (...)”.

SEGURA, L. Fita sinistra. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 2. n. 7. São Paulo: Escala Educacional, 2007. p. 40.

**— QUESTÃO 47**

O jornalista recorre à intertextualidade no título do texto. Esse recurso requer uma leitura que

- (A) recupere a devoção a Deus.
- (B) subverta a afirmação do texto bíblico.
- (C) confronte duas religiões diferentes.
- (D) ratifica o sentido do texto bíblico.

**— QUESTÃO 48**

Na referência a outras “línguas”, o pronome outras é responsável

- (A) por colocar como língua tanto códigos quanto discursos.
- (B) por separar a língua coloquial da língua culta.
- (C) por indicar que línguas diferentes coexistem.
- (D) valorizar mais um código da língua do que outros.

**— QUESTÃO 49**

Pela leitura do texto, é possível afirmar que o discurso constitui as identidades de grupo. A identificação com um determinado grupo é assegurada também por práticas não-lingüísticas que dizem respeito à escolha

- (A) de passagens bíblicas e da conduta moral.
- (B) da religião e da variedade padrão da língua.
- (C) do vestuário e das formas de comportamento.
- (D) de pastores e de hábitos saudáveis.

**— QUESTÃO 50**

No final do primeiro parágrafo, pode-se ler que

- (A) o treinamento dado por pastores descarta o arrependimento dos presos.
- (B) o exercício mecânico da repetição garante a mudança de comportamento.
- (C) os discursos dos criminosos formam grupos coesos e irrecuperáveis.
- (D) a repetição sem o exercício da reflexão banaliza a percepção da realidade.

## REDAÇÃO

## Instruções

A prova de redação apresenta duas propostas de construção textual. Para produzir o seu texto, você deve escolher um dos gêneros indicados abaixo:

A – artigo de opinião

B – carta de leitor

O tema é único para os dois gêneros e deve ser desenvolvido segundo a proposta escolhida. A fuga ao tema anula a redação. A leitura da coletânea é obrigatória. Ao utilizá-la, você não deve copiar trechos ou frases sem que essa transcrição esteja a serviço do seu texto.

Independentemente do gênero escolhido, o seu texto **NÃO** deve ser assinado.

## Tema:

## A linguagem na construção das identidades e das diferenças

## Coletânea

1 [...] As palavras vêm sempre de um já-dito na fala do outro: “nenhuma palavra é ‘neutra’, mas inevitavelmente ‘carregada’, ‘ocupada’, ‘habitada’, ‘atravessada’ pelos discursos nos quais ‘viveu sua existência socialmente sustentável’” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 27). Por ser atravessado e habitado pelo Outro, o sujeito está inscrito sócio-historicamente e, embora tente camuflar a heterogeneidade que o constitui, é “atravessado pelo inconsciente e, por isso mesmo, impossibilitado de se reconhecer e de reconhecer o outro, já que é fragmentado, esfacelado, emergindo apenas pontualmente pela linguagem, lá onde se percebem lapsos, atos falhos” (CORACINI, 1999, p. 11). [...] As identificações não existem em si mesmas, elas são incessantemente (re)construídas por meio da diferença, por meio da relação com o outro e emergem apenas por momentos, pela porosidade da linguagem. [...] a identificação constrói-se na heterogeneidade, no esfacelamento, na dispersão das múltiplas vozes *costuradas* e *suturadas* constantemente. Dentro de nós há identidades contraditórias empurrando em diferentes direções, embora as cicatrizes que ficam se imbriquem de tal modo que nossas identificações são continuamente deslocadas pela inefável presença de discursos outros.

ECKERT-HOFF, Beatriz. Processo de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 271-275.

2 Inicialmente, as gírias ligam-se a atividades marginais, de baixo prestígio, muitas vezes escusas e sempre mais desvalorizadas quanto à norma culta. Várias nascem entre os jovens, e entre eles perambulam até ser substituídas, extintas ou incorporadas à linguagem comum, quando tomam, com propriedade, lugar de destaque – preferidas, não raramente, em vez de outras já consagradas. A maioria dos grupos sociais desenvolve termos ou expressões particulares a seu universo. Tais termos são uma espécie de especialização da linguagem. Isto é, especificam uma idéia a ser transmitida dentro de um conjunto e para um grupo. [...] O estigma das expressões particulares de determinado grupo social é tão marcante que seus próprios integrantes chegam a negá-las quando em ambientes estranhos ao seu. [...] “Se hoje se empregam mais gírias é porque hoje a agressividade natural desse vocábulo corresponde melhor ao clima de agressão às instituições tradicionais e porque hoje se reconhece nesse fenômeno vocabular uma fonte muito importante de criatividade do léxico popular”, é o comentário do professor de Português da USP Dino Pretti, citado por Lea Poiano Stella em sua tese *Ta Tudo Dominado: a Gíria das Prisões* (PUC-SP, 2003).

SEGURA, L. Fita sinistra. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 2. n. 7. São Paulo: Escala Educacional, 2007. p. 35.

3 De um lado, é verdade que a linguagem modela sentimentos e emoções. Se alguém sempre ouviu certos termos ou expressões, como *negro*, *bicha* ou *coisa de mulher*, ditos com desdém ou com raiva, certamente vai reproduzir uma atitude machista ou racista. Portanto, usar uma linguagem não marcada por fortes conotações pejorativas é um meio de diminuir comportamentos discriminatórios. Por outro lado, o cuidado excessivo na busca de eufemismos para designar certos grupos sociais revela a existência de preconceitos arraigados na própria sociedade. Se assim não fosse, poder-se-ia empregar, sem nenhum problema, por exemplo, o vocábulo *negro*, sem precisar recorrer à expressão *afro-descendente*. Isso significa que não basta mudar a linguagem para que a discriminação deixe de existir. Além disso, os defensores da linguagem politicamente correta acreditam que existam termos neutros ou objetivos, o que absolutamente não é verdade. Todas as palavras, ensina o estudioso da linguagem Mikhail Bakhtin (1895-1975), são assinaladas por uma apreciação social. [...].

FIORIN, J. L. As palavras certas para um mundo melhor. *Discutindo língua portuguesa*. Ano 1. n. 2. São Paulo: Escala Educacional, 2006. p. 17.

**4 Chamar de gordo é ofensa? Site de Época bate recorde de comentários com crônica sobre episódio ocorrido no Rio de Janeiro – a capital brasileira com mais habitantes acima do peso.**

Gordura é, cada vez mais, um assunto de saúde. Está comprovada sua influência em doenças respiratórias e cardiovasculares e no desenvolvimento do diabetes. Os gordos, porém, não sofrem só com o desconforto, o colesterol e as dietas. Sofrem com o preconceito. Na semana passada uma mulher de 54 anos e 108 quilos provocou mais de 900 comentários no site de ÉPOCA. O nome dela é Mônica Beraba, carioca, secretária, desempregada. O episódio que ela viveu, no Bar Jobi, templo dos petiscos e da boemia carioca no bairro do Leblon, envolveu ainda duas clientes e um policial em seu primeiro dia de serviço na zona sul. Chamada repetidas vezes de “gorda” por duas moças na mesa ao lado em tom de chacota, a cada vez que pedia um prato ou uma bebida, Mônica achou que era demais ser ridicularizada publicamente. Chamou a polícia e perguntou ao policial armado de metralhadora: “Se eu chamar o garçom de preto, vou presa por racismo; podem me chamar de gorda em tom pejorativo?”. O cabo Cunha não conseguiu que as testemunhas se dispusessem a depor, mas foi delicado e sugeriu a Mônica que, da próxima vez que debochassem dela, respondesse “sou gorda, mas sou feliz”. [...]. Na redação de ÉPOCA, nós nos perguntamos por que o tema havia despertado tanto interesse e paixão. Foi a gordura, numa sociedade que cultua a magreza? Foi a coragem de se expor e exigir retratação numa sociedade passiva diante de tantos escândalos impunes? Foi a denúncia do preconceito que deprime tanta gente, numa sociedade que não aceita ser chamada de preconceituosa? Foi tudo isso junto, talvez. [...].

AQUINO, R. de. *Época*. São Paulo: Globo. 19 mar 2007. p. 110-111.

**5 Por trás da crise está a luta de classes**

[...]. E o último sinal dessa despolitização é o que eu chamo a despolitização da fala presidencial. A comunicação se fez sob a lógica do *marketing*, e não do direito à informação. Para quem, como eu, acompanhou a vida política do Lula, viu não só em 1978 mas no correr dos anos a capacidade analítica, a argúcia, a presteza na compreensão, a intuição do todo, a palavra exata na hora exata. Um político desses não precisa de marqueteiro! O que é que o marqueteiro fez? Destruiu o discurso político desse sujeito político, que por isso passou a ter um discurso da vida privada, pueril, moralista, populista, foi um desastre. Porque ele se apropriou de uma máscara discursiva que é a negação da capacidade de pensamento e de linguagem que ele tem. [...] Porque uma coisa é você dizer: “No capitalismo tudo é mercadoria, portanto os meios de comunicação são a mercadoria e a notícia é mercadoria, o jornalista é mercadoria”. Outra coisa é você ter uma estrutura de tipo orwelliana em que você produz o fato. E produz o fato não porque tenha minimamente um compromisso social, um compromisso político que diz para você: “Eu preciso fazer isso”. Não: você produz o fato, porque você vende o fato. [...] Então, o grau da manipulação ultrapassa tudo o que eu tinha pensado a respeito da publicidade, do *marketing*. É a realização efetiva, na minha opinião, de uma atividade fascista [...].

CHAUÍ, M. *Caros Amigos*. Entrevista Marilena Chauí. São Paulo. Ano IX. N. 104. Nov 2005. p. 33-37.

**6 Em entrevista à Folha de S. Paulo, o psicanalista Tales Ab’Saber responde a uma questão sobre preconceito e futebol: “do mesmo modo que o esporte é sublimação da agressividade humana direta na esfera da linguagem do corpo – e o futebol contém em si, transmutada como um objeto-sonho, a história da batalha épica e da vitória difícil e desejada na guerra –, me parece evidente que o futebol é também um campo sublimado da homossexualidade masculina, um destino cultural específico do aspecto bissexual do homem. [...] Como o futebol pode degenerar rapidamente em pancadaria – porque em sua origem ele é violência transformada em jogo, civilização –, ele também tem que expulsar constantemente o homossexual de si, porque ele é o amor dos homens pelos homens, transformado em jogo e em razão eficaz e estética na forma do gol. [...] De boa fé, Ana Paula (auxiliar de árbitro punida por ter cometido um erro em um jogo da Copa do Brasil) desejou ser uma mulher no forte mundo homoerótico dos homens. Ela não era homossexual, não desejava ser homem. Quando entrava em campo, como uma mulher, para fazer a função abstrata do trabalho de auxiliar, punha em risco a estrutura do pacto inconsciente do grande grupo dos homens – que amam um Pelé, que amam um Raí e um Romário, entidades eróticas disfarçadas e elevadas à eficácia racional do gol e da vitória. O grande grupo masculino só podia concebê-la como mulher no lugar em que ela terminou [na capa da revista Playboy], no lugar social objetificado das mulheres. O futebol segue não-contaminado, as mulheres seguem controladas. Creio que esse é também o problema do lugar difícil do futebol feminino entre nós.**

*Folha de S.Paulo*. São Paulo, 12 ago 2007. Caderno Mais. p. 4-5.

**7 Filhos criam e desmontam suas versões sobre os pais**

**A construção e a desconstrução da figura paterna passa pelo olhar dos rebentos. De modelo a espelho, de super-herói a oponente, as descrições de pai mudam ao longo da vida, de acordo com o relato dos filhos.**

Para pensar durante o almoço de hoje: se tivesse de descrever seu pai ao longo da vida, quantas versões ele teria? Na infância, costumamos pintá-los com cores e poderes de super-herói. Com as primeiras espinhas, vêm também as primeiras discussões. A admiração incondicional cede lugar ao confronto de idéias, gostos, objetivos. Autonomia financeira conquistada, a jornada segue sem a diligência do pai. A ânsia pela independência que acompanhou as espinhas se transforma em saudade, mas o turbilhão da vida adulta lhe toma até o tempo de sentir – por vezes, até de telefonar. Ainda que relute, chega o dia em que alguém te chama de pai. Então o mundo muda, você muda e, de repente, ele também mudou. De modelo passou a espelho, e você se vê repetindo com os seus o que ele fazia quando te chamava de meu. [...]. “Como dizia Jacques Lacan, é necessário servir-se do pai para poder prescindir dele”, lembra o psiquiatra e psicanalista Ariel Bogochvol, 49, da USP. “O pai é uma referência necessária, um elemento simbólico que ao mesmo tempo constrói valores como herança. Para que o filho crie sua própria autoria.”

OLIVEIRA, R. *Folha de S.Paulo*, 12 ago 2007. Cotidiano. C4

- 8 [...]. Assim, estruturas sociais e agentes individuais se alimentam continuamente numa engrenagem de caráter conservador. É o caso da maneira como cada um lida com a linguagem. Tudo que a envolve – correção gramatical, sotaque, habilidade no uso de palavras e construções etc. – está fortemente relacionado à posição social de quem fala e à função de ratificar a ordem estabelecida.

BOURDIEU, P. Pierre Bourdieu: o pesquisador da desigualdade. *Nova Escola*: grandes pensadores. Vol. 2. Edição Especial, n. 10. São Paulo: Abril Editora. Agosto, 2006. p. 61.

- 9 [...]. A identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterossexual”, “sou jovem”, “sou homem”. A identidade assim concebida parece ser uma positividade (“aquilo que sou”), uma característica independente, um “fato” autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é auto-contida e auto-suficiente. Na mesma linha de raciocínio, também a diferença é concebida como uma entidade independente. Apenas, neste caso, em oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: “ela é italiana”, “ela é branca”, “ela é homossexual”, “ela é velha”, “ela é mulher”. Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe. [...].

SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

- 10 [...] Mas o que é afinal a velhice? Vemos florescer, mesmo nas fileiras dos feminismos, os “grupos de jovens”, face às feministas “clássicas”, tradicionais, “idosas”, velhas, enfim. O que faz a coerência dos grupos de “jovens”? Quais são seus limites, seus objetivos, seus laços? Como a idade pode determinar o pertencimento, senão em um mundo traçado, estabelecido, definido, onde os gostos e preferências se estabelecem segundo a publicidade, a propaganda, avatar último de uma globalização avassaladora em marcha? E quais são os detalhes sutis que colocam alguém, inexoravelmente, entre as “velhas”? A terceira idade começa aos 30 ou 31 ou 42 ou 54? E a quarta idade e a quinta? Qual é a ruga ou a quantidade de cabelos brancos que determinam essa passagem? [...] “Velhice”, “juventude”, mais uma vez a linguagem nos molda em palavras generalizantes, que fingem ter um sentido único, lá onde há apenas dispersão, como bem apontou Foucault (1971). Mais uma identidade ilusória que define o humano para melhor hierarquizá-lo, cindi-lo, criando separações e exclusões. É assim tão difícil perceber as linhas de poder que sustentam as oposições binárias? Na formação de grupos, cujos limites criam as margens os marginais? [...].

SWAIN, T. N. Velha? Eu? Auto-retrato de uma feminista. In: RAGO, M.; VEIGA NETO, A. (Orgs.). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 264-265.

**Propostas de redação****A – ARTIGO DE OPINIÃO**

O *artigo de opinião* é um texto escrito para ser publicado em jornais e revistas e traz reflexões a respeito de um tema atual de interesse do grande público. Nesse gênero, o autor desenvolve um ponto de vista a respeito do tema com argumentos sustentados por informações e opiniões que se complementam ou se opõem.

Escreva um artigo de opinião para um jornal local, discutindo a relação entre linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Defenda seu ponto de vista utilizando argumentos que o sustentem e/ou refutem outros pontos de vista, levando em conta a estabilidade e a instabilidade das identidades.

**B – CARTA DE LEITOR**

A *carta de leitor* é um texto persuasivo que manifesta a opinião do leitor sobre assuntos publicados em jornais ou revistas. Nesse gênero, o leitor pode se dirigir ao editor (representante da revista ou jornal), quando não há interesse em direcionar ou particularizar os comentários, ou ao autor da matéria publicada, quando o seu nome é revelado.

Escreva uma carta de leitor para uma revista de circulação nacional, discutindo questões que envolvam a linguagem e a construção das identidades e das diferenças. Coloque-se como pertencente a um determinado grupo (jovem, idoso(a), mulher, pai, jogador(a) de futebol, presidiário(a) etc.) e produza sua carta como uma resposta à revista e à sociedade em geral. Você deverá convencer a revista e seus leitores de que as identidades e as diferenças são construções sociais, históricas, ideológicas, etc. Discuta o papel da linguagem nessa construção, apresentando argumentos que sustentem seu ponto de vista e possam persuadir o leitor a aceitá-lo.

**ATENÇÃO: Você não deve identificar-se, ou seja você deve assumir o papel de um leitor fictício.**

